

MEMÓRIA, CULTURA E IMAGINÁRIO NO ARRAIAL DO PAVULAGEM: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS NA AMAZÔNIA

BIANCA DE SOUSA
MACIEL¹

MEMORY, CULTURE AND IMAGINARY IN THE ARRAIAL DO PAVULAGEM: EDUCATIONAL EXPERIENCES IN THE AMAZON

NAZARÉ CRISTINA
CARVALHO²

Resumo: Este artigo analisa o Arraial do Pavulagem, manifestação cultural amazônica situada em Belém do Pará, a partir das categorias de memória, cultura e imaginário. Parte-se da compreensão de que a cultura se constitui como um campo dinâmico de produção de sentidos, no qual os sujeitos constroem saberes por meio da experiência, da participação e das práticas coletivas. O estudo tem como objetivo compreender de que maneira essas dimensões se manifestam e se articulam no interior do Arraial do Pavulagem. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão de literatura e análise documental, fundamentada em autores como Carlos Rodrigues Brandão, Maurice Halbwachs, Claude Lévi-Strauss e Gilbert Durand. Os resultados evidenciam que o Arraial do Pavulagem se configura como um território pedagógico no qual os processos educativos se constroem de forma coletiva, experiencial e sensível, articulando memória, produção cultural e construção do imaginário amazônico. Conclui-se que o movimento não apenas preserva saberes tradicionais, mas os ressignifica, contribuindo para a construção de identidades culturais e para a ampliação das formas de compreender a educação no contexto amazônico.

Palavras-chave: Arraial do Pavulagem; cultura amazônica; memória coletiva; imaginário; educação não formal.

Abstract: This article analyzes the Arraial do Pavulagem, an Amazonian cultural manifestation located in Belém, Pará, based on the categories of memory, culture, and imaginary. It is grounded in the understanding that culture constitutes a dynamic field of meaning production, in which individuals construct knowledge through experience, participation, and collective practices. The study aims to understand how these dimensions are manifested and articulated within the Arraial do Pavulagem. Methodologically, this is a qualitative study developed through literature review and documentary analysis. The results show that the Arraial do Pavulagem can be understood as a pedagogical territory in which educational processes are built collectively, experientially, and sensibly, articulating memory, cultural production, and the construction of the Amazonian imaginary. It is concluded that the movement not only preserves traditional knowledge but also re-signifies it, contributing to the construction of cultural identities and to broader understandings of education in the Amazonian context.

Keywords: Arraial do Pavulagem; Amazonian culture; collective memory; imaginary; non-formal education.

COMO CITAR: MACIEL, Bianca de Sousa; CARVALHO, Nazaré Cristina. Memória, cultura e imaginário no Arraial do Pavulagem: experiências educativas na Amazônia. **Boitatá**, Londrina, v. 20, n. 40, p. 1-15, jul./dez. 2025. ISSN 1980-4504. DOI: 10.5433/boitata.2025v20.e53459

1 Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: bsmaciel23@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0723-2416>.

2 Doutorado em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho (UGF). Professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: n_cris@uol.com.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8417-3504>.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as discussões sobre educação e cultura têm evidenciado a necessidade de reconhecer formas de conhecimento que emergem da experiência social e das práticas culturais dos sujeitos. Nesse sentido, a perspectiva defendida por Brandão (2002) contribui para compreender a educação para além dos espaços formais, ao afirmar que o aprender se constrói nas relações, nos fazeres cotidianos e nas manifestações culturais que atravessam a vida social. Assim, o conhecimento não se limita à institucionalidade escolar, mas se constitui também nos territórios da cultura, onde memória, tradição e criação se articulam na produção de sentidos.

No contexto amazônico, essa compreensão torna-se ainda mais relevante, uma vez que a região se caracteriza por uma ampla diversidade cultural, marcada pela presença de saberes tradicionais, práticas orais, expressões simbólicas e modos próprios de relação com o território. Historicamente, muitos desses saberes foram pouco valorizados pelos modelos educacionais predominantes, embora constituam formas legítimas de produção cultural, social e educativa presentes nas experiências dos sujeitos amazônicos (Baker; Carvalho, 2020).

Nesse cenário, torna-se fundamental compreender a cultura como um campo dinâmico de produção de sentidos, no qual memória, imaginário e práticas sociais se entrelaçam. A memória coletiva, conforme argumenta Halbwachs (1990), constitui-se como elemento estruturante das identidades sociais, sendo continuamente reconstruída no interior dos grupos. De modo complementar, o imaginário, conforme discutido por Durand (1997), organiza-se por meio de símbolos, mitos e narrativas que orientam a experiência cultural dos sujeitos.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar o Arraial do Pavulagem à luz das categorias de memória, cultura e imaginário, buscando compreender de que maneira essas dimensões se manifestam e se articulam no interior dessa prática cultural.

O Arraial do Pavulagem: origem, trajetória e territorialidade cultural

O Arraial do Pavulagem constitui-se como uma das mais expressivas manifestações culturais da Amazônia contemporânea, com origem na cidade de Belém, no final da década de 1980. O movimento foi idealizado pelos artistas Ronaldo Silva, Júnior Soares e Ruy Baldez (in memoriam), cujas trajetórias estão profundamente vinculadas à valorização das expressões culturais amazônicas, expressa tanto nas composições musicais quanto nas práticas artísticas e socioculturais que desenvolvem.

Nesse contexto, destaca-se a figura de Ronaldo Silva, que, em 2025, recebeu o título de mestre da cultura popular. Tal reconhecimento ultrapassa uma nomeação simbólica, evidenciando sua trajetória como guardião e difusor de saberes tradicionais. Esse marco reforça o caráter intergeracional do Arraial do Pavulagem, no qual mestres e aprendizes constroem, coletivamente, processos de ensino, aprendizagem e continuidade cultural.

Figura 1 – Fundadores Ronaldo Silva e Júnior Soares em contexto artístico-cultural do Arraial do Pavulagem



Fonte: acervo Arraial do Pavulagem (2025).

Inicialmente concebido como um grupo de amigos que se reuniam na Praça da República, em Belém (PA), para tocar e se divertir utilizando um pequeno boi de brincadeira na tala, o Arraial do Pavulagem surgiu de forma espontânea e lúdica. Com o passar do tempo, pessoas de diferentes classes sociais, religiões e faixas etárias passaram a se agregar à brincadeira, ampliando significativamente sua participação. O crescimento do público e o engajamento coletivo evidenciaram que aquela prática já se configurava como um movimento cultural relevante, extrapolando os limites físicos da praça.

Nesse processo de expansão, o Arraial incorporou elementos do teatro, da dança e das manifestações populares, articulando uma diversidade de ritmos que compõem sua identidade sonora, como a toada de boi, a quadrilha, o retumbão, o carimbó, o samba de cacete, o siriá e a marujada, entre outros. Essa tessitura musical expressa a pluralidade cultural amazônica e contribui para a consolidação do Arraial como um importante agente de valorização do patrimônio cultural imaterial (Façanha, 2023).

No Arraial do Pavulagem, a memória coletiva não se apresenta de forma estática, mas se atualiza continuamente por meio das práticas culturais vividas nos ensaios, oficinas e cortejos. Nesse contexto, o arrastão configura-se como um dispositivo de circulação de saberes, no qual diferentes gerações compartilham experiências, gestos e sentidos.

Essa dinâmica se manifesta também na dimensão sonora que atravessa o Arraial. Mais do que um acompanhamento festivo, os ritmos operam como uma linguagem sensível de aprendizagem, por meio da qual saberes são compartilhados, incorporados e recriados coletivamente. O corpo, nesse processo, responde às sonoridades, aprende com elas e, ao mesmo tempo, as reinventa na experiência vivida, produzindo modos de ser e pertencer no contexto amazônico.

Desse modo, ao mesmo tempo em que essas práticas remetem a tradições culturais historicamente construídas, elas também se transformam no presente, sendo continuamente

Nesse contexto, destaca-se que os participantes do chamado Batalhão da Estrela, grupo que compõe os cortejos, atuam de forma voluntária, mediante inscrição prévia para participação nas atividades. Essa característica evidencia o caráter aberto, coletivo e engajado do movimento, no qual sujeitos de diferentes trajetórias se integram ao Arraial não apenas como espectadores, mas como protagonistas da experiência cultural.

Museu das Amazônias

Estação das Docas

Instituto Arraial do Pavulagem

Selfit Academias Assis
Selfit é sem fidelidade

Praça da República
Acesso recente

Av. Gov. José Malcher

Theatro da Paz

Americanas
Volta às Aulas com tudo

15 min
1,1 km

13 min
950 m

15 min
1,1 km

Além disso, o movimento desenvolve projetos culturais e sociais por meio de diferentes “cordões”, que articulam arte, educação e participação comunitária. O Cordão do Peixe-Boi, por exemplo, aborda temáticas relacionadas à preservação ambiental, com ênfase na proteção do peixe-boi amazônico e na conscientização sobre reciclagem e sustentabilidade. Já o Cordão do Galo, realizado no município de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó, cidade natal do Ronaldo Silva, tem como foco o fortalecimento da comunidade local, promovendo ações como oficinas de percussão para crianças e jovens, minicursos de capacitação e iniciativas solidárias voltadas à população em situação de vulnerabilidade social.

Dessa forma, o Arraial do Pavulagem amplia sua presença e atuação, articulando práticas culturais, educativas e sociais que reforçam seu papel na construção e valorização da identidade cultural amazônica.

Diante da complexidade das práticas culturais desenvolvidas pelo Arraial do Pavulagem, torna-se necessário adotar um olhar investigativo que permita compreender como memória, cultura e imaginário se manifestam e se articulam nesse contexto. Considerando o Arraial como um espaço de produção de saberes e experiências, a análise dessas dimensões exige uma abordagem que valorize os significados, as interpretações e as relações construídas no interior dessas práticas culturais. Nesse sentido, optou-se por um percurso metodológico que possibilita apreender a riqueza e a diversidade dessas experiências no contexto amazônico.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão de literatura e análise documental. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa possibilita a compreensão de fenômenos sociais em sua complexidade, ao considerar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas e experiências.

A análise documental foi realizada a partir de materiais relacionados ao Arraial do Pavulagem, incluindo registros institucionais, produções culturais, conteúdos midiáticos e referências acadêmicas sobre o tema. De acordo com Cechinel (2016), esse tipo de análise permite interpretar documentos como fontes de produção de conhecimento, levando em conta seus contextos de elaboração, circulação e intencionalidade.

Para o tratamento dos dados, adotou-se uma perspectiva interpretativa, buscando identificar de que modo as categorias de memória, cultura e imaginário se manifestam nas práticas culturais do Arraial. Os dados foram organizados e analisados de forma temática, a partir da recorrência de elementos simbólicos, práticas coletivas e narrativas culturais presentes no material investigado, permitindo a construção de inferências acerca dos sentidos produzidos nesse contexto.

A partir desse percurso metodológico, torna-se possível compreender o Arraial do Pavulagem não apenas como uma manifestação cultural, mas como um espaço de produção de sentidos e experiências socialmente compartilhadas. Nesse contexto, a análise das práticas desenvolvidas no interior do movimento exige a articulação entre diferentes dimensões que estruturam a vida social, dentre as quais se destacam a memória, a cultura e o imaginário. Assim, inicia-se a discussão pela categoria da memória, entendida como elemento central na construção, continuidade e ressignificação das experiências coletivas.

Memória coletiva em movimento: o Arraial como espaço de atualização cultural

A compreensão do Arraial do Pavulagem como um espaço de memória coletiva permite avançar para além de uma leitura descritiva das práticas culturais, evidenciando os modos pelos quais a memória se constitui como ação social. Conforme argumenta Halbwachs (1990), a memória não é um fenômeno individual, mas um processo construído nas relações entre sujeitos, sendo continuamente atualizada nos contextos coletivos. Nesse

sentido, ela depende dos quadros sociais que orientam o que é lembrado, como é lembrado e com que finalidade se mantém vivo no presente.

No Arraial do Pavulagem, essa atualização da memória não ocorre de forma abstrata, mas se materializa nas práticas concretas do movimento. Os ensaios de percussão, por exemplo, não se restringem ao aprendizado técnico dos ritmos, mas operam como espaços de transmissão intergeracional, nos quais saberes são compartilhados entre mestres e aprendizes. Trata-se de um processo no qual a memória se inscreve no corpo, sendo incorporada por meio da repetição, da escuta atenta e da experiência sensível. O aprender, nesse contexto, não se dá pela formalização de conteúdos, mas pela convivência, pela observação e pela participação ativa nas práticas culturais.

Essa dimensão corporal da memória aproxima-se da noção de experiência discutida por Bondía (2002), ao considerar que o saber se constitui naquilo que nos atravessa e nos transforma. No Arraial, a memória não é apenas evocada, mas vivida, experimentada e reelaborada a cada encontro. Ao tocar um instrumento, dançar ou acompanhar o cortejo, os participantes incorporam saberes que não se dissociam da prática, evidenciando que a memória coletiva também se constrói como memória sensível.

Os cortejos ampliam essa dinâmica ao deslocar a memória para o espaço urbano. Ao ocupar ruas como a Avenida Presidente Vargas e a Praça da República, o Arraial transforma a cidade em território de memória, no qual práticas culturais reativam sentidos históricos e coletivos. Esse movimento tensiona a lógica funcional da cidade, ressignificando seus espaços por meio da experiência cultural compartilhada. Assim, o urbano deixa de ser apenas cenário e passa a ser vivido como espaço simbólico, marcado pela presença ativa dos sujeitos.

Nessa perspectiva, a memória no Arraial não se limita à preservação de tradições, mas se constitui como processo de recriação contínua. Ao participar do arrastão, os sujeitos não apenas reproduzem gestos e ritmos herdados, mas os reinterpretem a partir de suas próprias experiências, inserindo novos sentidos na prática cultural. Isso indica que a memória coletiva se configura como um campo de negociação simbólica, no qual passado e presente se articulam de forma dinâmica.

Além disso, a dimensão coletiva do Arraial reforça o sentimento de pertencimento, ao reunir sujeitos de diferentes idades, trajetórias e experiências em torno de uma prática cultural comum. Esse encontro possibilita a construção de vínculos sociais e a reafirmação de uma identidade amazônica compartilhada, evidenciando que a memória, nesse contexto, não é apenas lembrança, mas prática social viva.

Desse modo, o Arraial do Pavulagem configura-se como um espaço no qual a memória é continuamente atualizada não apenas como conservação de saberes, mas como produção cultural ativa. Ao articular corpo, música, território e convivência, o movimento evidencia que lembrar, nesse contexto, é também criar, reinventar e produzir sentidos no presente.

Cultura como estrutura simbólica: entre tradição e criação

A análise do Arraial do Pavulagem à luz da cultura como sistema simbólico permite compreender suas práticas para além de uma dimensão meramente festiva, evidenciando-as como formas estruturadas de produção de sentidos. Conforme argumenta Lévi-Strauss (1979), as manifestações culturais não são aleatórias, mas organizadas por estruturas simbólicas que orientam a experiência social, estabelecendo relações entre elementos que, em conjunto, produzem significados compartilhados no interior de uma sociedade.

No Arraial do Pavulagem, essa estrutura simbólica torna-se visível na organização do cortejo, no qual diferentes elementos, como o boi-bumbá, os instrumentos percussivos, os brincantes em pernas de pau, os dançarinos e os figurinos, não apenas coexistem, mas se articulam na construção de uma narrativa estética e coletiva. Cada componente desempenha uma função específica na produção de sentidos, contribuindo para a constituição de uma experiência cultural integrada. Assim, mais do que uma simples reunião de elementos, o cortejo configura-se como um sistema simbólico em movimento, no qual formas, gestos e sonoridades se organizam de maneira relacional (Lima; Gomberg, 2012).

Nessa perspectiva, o cortejo pode ser compreendido como uma linguagem cultural, na qual o corpo assume centralidade como meio de expressão e comunicação simbólica. O deslocamento coletivo pelas ruas de Belém, orientado pelo ritmo da percussão, não se reduz a um percurso físico, mas constitui uma forma de ocupação cultural do espaço urbano. Ao transformar ruas e praças em cenários de interação simbólica, o Arraial ressignifica a cidade, que deixa de ser apenas um espaço funcional e passa a ser vivida como território cultural. Tal dinâmica aproxima-se da perspectiva de Brandão (2002), ao evidenciar que a cultura se constrói nas práticas sociais, nos modos de viver e nas experiências compartilhadas entre os sujeitos.

A centralidade do boi no cortejo exemplifica de forma expressiva essa dimensão simbólica. Para além de sua materialidade enquanto elemento visual, o boi atua como operador simbólico que articula diferentes camadas de significado. Ele remete às tradições do boi-bumbá presentes em diversas regiões do Brasil, ao mesmo tempo em que é ressignificado no contexto amazônico, incorporando elementos locais que reforçam identidades regionais. Sua presença no cortejo não apenas evoca a tradição, mas a atualiza, inserindo-a em novas dinâmicas culturais.

De modo complementar, a percussão desempenha um papel estruturante na organização simbólica do cortejo. Mais do que acompanhar a manifestação, o ritmo atua como elemento organizador da experiência coletiva, regulando movimentos, orientando o corpo e sincronizando a participação dos sujeitos. Nesse sentido, a música não é apenas expressão estética, mas dispositivo de coesão social, capaz de produzir pertencimento e engajamento coletivo. O som, assim, opera como linguagem que atravessa o corpo e organiza a ação no espaço, evidenciando a dimensão sensível da cultura.

Essa articulação entre corpo, som e movimento permite compreender o cortejo como uma forma complexa de produção cultural, na qual diferentes linguagens se entrelaçam na construção de sentidos. A experiência vivida no Arraial não se fragmenta em elementos isolados, mas se constitui de maneira integrada, evidenciando que a cultura opera por meio de relações simbólicas que conectam sujeitos, práticas e territórios.

Além disso, a presença simultânea de elementos tradicionais e contemporâneos revela que a cultura no Arraial do Pavulagem se constrói na tensão entre continuidade e transformação. Ao incorporar novas formas de expressão sem romper com suas referências históricas, o movimento demonstra que a cultura é processual, dinâmica e aberta à reinvenção. Nesse sentido, o Arraial não apenas representa a cultura amazônica, mas atua ativamente em sua produção e atualização, configurando-se como um espaço de criação simbólica no qual os sentidos são continuamente elaborados, compartilhados e recriados.

Figura 3 – Boi Pavulagem nas ruas de Belém durante cortejo



Fonte: Schwann (2025).

A organização simbólica do cortejo pode ser melhor compreendida a partir dos elementos que o compõem e de suas respectivas funções no interior da manifestação cultural. O quadro a seguir sistematiza esses elementos, evidenciando suas dimensões estéticas e simbólico-culturais:

Quadro 1 – Elementos visuais e suas funções simbólico-culturais no Arraial do Pavulagem.

Elemento	Descrição	Função simbólica-cultural
Boi Pavulagem	Figura central do cortejo	Representa a tradição do boi-bumbá e a identidade amazônica
Percussão (tambor onça, barrica, maraca, reco-reco, matraca, fifeiro, alfaia, caixa de boi)	Instrumentos musicais	Marca o ritmo coletivo e a participação
Pernas de pau	Brincantes elevados sob pernas de paus	Expressam corporeidade, desafio e ludicidade
Dançarinos	Participantes do cortejo	Produzem movimento e interação cultural
Figurinos e chapéus	Vestimentas coloridas	Representam elementos simbólicos da cultura amazônica
Cordão do Boi	Grupo que acompanha o cortejo	Organiza a coletividade e a narrativa cultural

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A sistematização apresentada evidencia que os elementos do Arraial não atuam de forma isolada, mas se articulam na construção de uma experiência cultural integrada e coletiva. Essa dimensão pode ser observada na Figura 4, que reúne diferentes expressões performáticas do cortejo, evidenciando a integração entre corpo, música e visualidade na construção da experiência cultural.

Figura 4 – Elementos visuais e performáticos do Arraial do Pavulagem durante o arrastão do Batalhão da Estrela

a) Cortejo



b) Percussão



c) Criança no cavalelho



d) Figurinos e chapéus



e) Pernaltas



f) Pernaltinhas



Fonte: Schwann (2025).

A articulação entre esses elementos evidencia que a experiência cultural no Arraial não é fragmentada, mas construída de forma integrada. O som da percussão, por exemplo, não apenas organiza o ritmo, mas atua como elemento agregador, convocando os participantes à interação e criando uma sensação de pertencimento coletivo. Essa dimensão participativa aproxima-se da compreensão de cultura como prática social, na qual os sujeitos constroem sentidos a partir da experiência compartilhada (Brandão, 2002).

Essa organização simbólica permite identificar a presença de relações estruturantes, como tradição e modernidade, natureza e cultura, bem como sagrado e profano, que atravessam o Arraial e contribuem para a construção de significados. No entanto, diferentemente de uma estrutura fixa, essas relações são constantemente tensionadas e ressignificadas no interior das práticas culturais, evidenciando o caráter dinâmico da cultura (Lévi-Strauss, 1979).

A presença simultânea de elementos tradicionais e contemporâneos evidencia que a cultura no Arraial do Pavulagem se organiza a partir de um movimento contínuo de atualização. Não se trata apenas de preservar formas culturais, mas de reinscrevê-las em novos contextos de experiência. Nesse processo, o Arraial atua como espaço de criação simbólica, no qual práticas, gestos e narrativas são continuamente reinterpretados, produzindo sentidos que articulam passado e presente. Essa dinâmica evidencia, ainda, o papel do imaginário na organização dessas experiências, aspecto que será aprofundado na seção seguinte.

Imaginário amazônico: símbolos e narrativas culturais

A dimensão do imaginário permite compreender como símbolos, imagens e narrativas estruturam a experiência cultural dos sujeitos, atuando diretamente na forma como estes percebem, interpretam e atribuem sentido ao mundo. De acordo com Durand (1997), o imaginário constitui-se como um sistema simbólico organizado por imagens e

arquétipos que orientam a experiência humana, não apenas como representação, mas como modo de pensamento e ação no mundo.

No contexto do Arraial do Pavulagem, o imaginário manifesta-se de forma intensa e sensível, sendo produzido e compartilhado por meio das práticas culturais que articulam corpo, música, movimento e território. As cores vibrantes, os figurinos, os personagens, os sons da percussão e as coreografias não se restringem a uma dimensão estética, mas operam como dispositivos simbólicos que evocam referências da cultura amazônica e produzem sentidos sobre pertencimento, identidade e coletividade (Pitta, 2017).

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva interpretativa de Geertz (1973), ao considerar a cultura como uma teia de significados construída pelos próprios sujeitos. Nesse sentido, o Arraial pode ser entendido como um espaço no qual essas “teias” são continuamente produzidas e atualizadas, uma vez que os participantes não apenas reproduzem símbolos, mas os interpretam e ressignificam no interior de suas experiências.

No Arraial, o imaginário não se apresenta como algo distante ou abstrato, mas como uma dimensão vivida, incorporada nas práticas culturais. Ao participar dos cortejos, os sujeitos experimentam o imaginário por meio do corpo em movimento, da música compartilhada e da ocupação coletiva do espaço urbano. Essa vivência aproxima-se da compreensão de Brandão (2002), ao reconhecer que a cultura se constrói no fazer, na experiência e nas relações sociais.

As composições musicais do Arraial constituem um dos principais meios de expressão desse imaginário, pois condensam, em linguagem poética, elementos fundamentais da cultura amazônica. A canção *Boi Brinquedo* (Soares; Silva, 2009), por exemplo, evidencia a articulação entre natureza, cultura e afetividade, ao evocar imagens como o boi, as cores, as ruas de Belém e o movimento coletivo.

Vem chegando mês de Maio
E eu já vou me preparando
Com bandeiras, fitas, flores
Com as cores do arco-íris
Vou serenando e imaginando o boi azul
Balanceando com seu batalhão da estrela
E pelas ruas de Belém vira um folguedo
Vira um tesouro da cultura popular
Dança boi pavulagem, dança que eu quero ver
Dança e balança, pelas ruas eu quero ver
Dança boi pavulagem, dança que eu quero ver
Meu brinquedo encantador, prenda bela de São João (Soares; Silva, 2009)

Nesse trecho, observa-se que o imaginário não apenas representa a realidade, mas a recria poeticamente, transformando o cotidiano em experiência simbólica. A presença de elementos como o boi e as cores evidencia uma relação profunda com o território e com a cultura popular, na qual natureza e cultura não se separam, mas se entrelaçam na construção de sentidos.

Além disso, o imaginário no Arraial do Pavulagem não se limita à reprodução de tradições, mas envolve processos contínuos de criação e reinvenção. Ao reinterpretar elementos

culturais em contextos contemporâneos, o movimento atualiza narrativas e amplia seus significados, demonstrando que o imaginário é dinâmico, processual e aberto à transformação.

Dessa forma, o imaginário atua como elemento estruturante da experiência cultural no Arraial, organizando percepções, emoções e modos de participação. Ao mobilizar símbolos, imagens e narrativas, o movimento não apenas representa a cultura amazônica, mas contribui ativamente para sua produção e ressignificação, fortalecendo vínculos identitários e ampliando as possibilidades de interpretação da realidade social.

A partir dessas reflexões, torna-se possível retomar as categorias analisadas ao longo deste estudo, articulando seus principais desdobramentos na compreensão do Arraial do Pavulagem enquanto espaço de produção cultural e educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender o Arraial do Pavulagem como um espaço cultural complexo, no qual memória, cultura e imaginário se articulam de forma dinâmica, constituindo-se como dimensões indissociáveis da experiência vivida pelos sujeitos. Longe de se configurar apenas como uma manifestação festiva, o Arraial revela-se como um território de produção de saberes, no qual o aprender emerge da vivência, da participação e da relação com o outro.

No que se refere à memória, evidenciou-se que o Arraial opera como um espaço de atualização contínua das experiências coletivas, no qual tradições não são apenas preservadas, mas constantemente ressignificadas. A memória, nesse contexto, manifesta-se como prática social viva, construída no encontro entre diferentes gerações e atualizada no corpo, na música e na ocupação dos espaços urbanos. Tal dinâmica reafirma a compreensão de que lembrar não é apenas rememorar o passado, mas produzir sentidos no presente.

No âmbito da cultura, o Arraial do Pavulagem mostrou-se como um sistema simbólico complexo, no qual diferentes elementos como o boi, a música, os figurinos e as performances se articulam na construção de uma narrativa coletiva. A coexistência entre tradição e inovação evidencia o caráter processual da cultura, que se reinventa continuamente sem romper com suas raízes. Nesse sentido, o movimento não apenas representa a cultura amazônica, mas atua ativamente em sua produção e transformação.

Em relação ao imaginário, destacou-se o papel dos símbolos, das narrativas e das expressões estéticas na construção da experiência cultural. As músicas, as cores, os personagens e os rituais presentes no Arraial operam como mediadores simbólicos, possibilitando a construção de sentidos que conectam os sujeitos à sua realidade social, cultural e territorial. O imaginário, nesse sentido, não se limita à reprodução de tradições, mas constitui-se como um campo de criação, no qual novas interpretações e significados são constantemente produzidos.

A partir dessas análises, torna-se possível afirmar que o Arraial do Pavulagem se configura como um território pedagógico, no qual os processos educativos se dão de forma sensível, coletiva e experiencial. O aprender, nesse contexto, não se organiza a partir de uma lógica formal de ensino, mas emerge das práticas culturais, das relações estabelecidas entre os sujeitos e da vivência compartilhada no interior do movimento.

Por fim, este estudo contribui para o campo das discussões sobre cultura e educação ao evidenciar a potência das manifestações culturais como espaços de produção de conhecimento. Ao reconhecer o Arraial do Pavulagem como um lugar de aprendizagem, reafirma-se a importância de valorizar saberes que se constroem para além da escola, ampliando as possibilidades de compreensão sobre os processos educativos no contexto amazônico.

Nesse sentido, abre-se também a possibilidade para investigações futuras que aprofundem a análise de outras dimensões do Arraial, como as relações intergeracionais, a participação das infâncias e os processos de construção identitária, contribuindo para o fortalecimento de estudos que articulem cultura, educação e experiência na Amazônia.

REFERÊNCIAS

BAKER, Patrícia Andréa Godinho; CARVALHO, Nazaré Cristina. Crianças Amazônidas no Círio de Nazaré: culturas e saberes outros. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 28, p. 838-855, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3154>. Acesso em: 25 mar. 2025.

BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, 2002, p. 20-28. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CECHINEL, André; FONTANA, Silvia Aparecida Pereira; DELLA, Kelli Giustina Pazeto; PEREIRA, Antonio Serafim; PRADO, Silvia Salvador. Estudo/análise documental: uma revisão teórica e metodológica. **Criar Educação**, Criciúma, v. 5, n. 1, p. 1-7, 2016. DOI: <https://doi.org/10.18616/ce.v5i1.2446>. Acesso em: 22 mar. 2025.

DURAND, Gilbert Siméon. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FAÇANHA, Tainá Maria Magalhães. **Uma escola a céu aberto: a transmissão de saberes no Instituto Arraial do Pavulagem**. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/15916>. Acesso em: 24 mar. 2025.

GEERTZ, Clifford James. **A interpretação das culturas: coletânea de ensaios**. Tradução de Roberto A. de Faria. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

LIMA, Dula Maria Bento; GOMBERG, Estélio. Cultura, patrimônio imaterial e sedução no Arraial do Pavulagem. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 53-67, 2012. DOI: <https://doi.org/10.12957/tecacp.2012.10260>. Acesso em: 24 mar. 2025.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PITTA, Danuza Pinto Ramos. **Iniciação a teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

SOARES, José Ribamar Costa Júnior.; SILVA, Ronaldo Santos. **Boi Brinquedo**. Belém: Arraial do Pavulagem, 2009.

SCHWANN, Adryan. Acervo fotográfico do Arraial do Pavulagem. Belém, 2025. Arquivo pessoal, Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1J7ryhABexKAzQ2QveHqWbH5G2H1ifXdY>. Acesso em: 24 abr. 2025.

RECEBIDO EM: 01/08/2025 | ACEITO EM: 01/12/2025